

## FRAGMENTOS ACERCA DO METODO EM GEOGRAFIA

VANIA RUBIA FARIAS VLACH.\*

BOLETIM DE GEOGRAFIA TEORETICA, 16-17 (31-34): 250-254, 1986-1987.  
(I ENCONTRO DE GEOGRAFOS DA AMERICA LATINA)

### **BREVE INTRODUÇÃO**

No momento atual, parece-nos possível afirmar, que discussões antienfáticas à epistemologia em geografia explicitando a questão da teoria, do método e do objeto no seu interior, têm-se difundido em proporções consideráveis, embora muitas vezes inseridas no bojo do cientificismo, isto é sob, os cânones positivistas da “verdadeira ciência” – aquela que é insuportável às ideologias.

Na medida em que o método científico atua como o “divisor de águas” entre ciência e ideologia (ou ciência e política) e em que há um certo consenso, até por parte dos geógrafos, a respeito do seu não-privilegiamento dentro da vasta produção geográfica tradicional, cumpre indagar, corre o risco de – primeiro – apenas inverter o discurso; segundo de continuar abordando os mesmos assuntos; terceiro de fazer a apologia de um único caminho para este saber (e sua prática), o que se nos afigura como um perigoso “passo para trás” nesse percurso decisivo da Geografia em direção ao devandamento momento do amplo e complexo processo de constituição de uma outra sociedade.

### **AINDA O POSITIVISMO.**

Entendemos que a lógica da identidade – o emprego sistematizado de regras e leis a um objeto, conformando-o totalmente e o determinado a priori – ainda está muito presente em diversos trabalhos de geografia.

Não obstante a avanço teórico-metodológico que a geografia crítica representa, talvez o próprio fato de ela procurar se apoiar na teoria marxista e, por conseguinte, na dialética, explique porque ela tem se voltado para uma superação de seus equívocos via teoria e método construídos em outro tempo (histórico) e outro espaço (geográfico). Construídos, exatamente porque a dialética marxista foi o resultando de lutas e embates entre diferentes classes sociais e entre diferentes propostas políticas quanto aos rumos de uma sociedade então em processo de constituição.

A proposta vencedora – a da sociedade (capitalista) internamente dividida – transformou vencidos e vencedores em iguais, valendo-se do “em si mesmo próprio” atribuído a cada homem a partir da ideia (ou da abstração) de que cada um (e todos em conjunto) é capaz de (e deve) contribuir para o engrandecimento do princípio da imanência: a abstração torna igual o que é desigual (reproduz o mesmo e nega o outro).

Nesse sentido, quase passou (ou passa) despercebido à Geografia que a sua aproximação em relação ao marxismo ocorreu exatamente quando também ele havia se transformado um discurso, isto é, quando esvaziado de sua práxis

social e, portanto, transformado em mais uma versão cientificista, da ciência. Paralelamente, a dialética também havia se transformado em algo mecanicista, ou melhor dizendo, tendo abandonado a negação interna, acabou negando a si mesma, e se reduziu às antinomias.

Ora, é a lógica da identidade que trabalha com antinomias e dualismos. E a produção geográfica inclusive a mais recente, ainda e prenhe de preocupações com a delimitação precisa do seu objeto de estudo, com os problemas de método, etc., enquanto tentativa de elaboração de um campo próprio na área do conhecimento científico, deixando de lado a praxis humana, em cujo seio sujeito e objeto do conhecimento se constroem. (e constroem).

Ainda que tais preocupantes (essencialmente positivistas) não devam pura e simplesmente, ser descartadas, perguntamo-se se a sua persistência não decore, pelo menos em parte, do esquecimento de uma questão fundamental: clareza política daqueles que (re)produzem o passar uma dada questão que permite ultrapassar os limites do já conhecido, e inaugurar em novos conhecimentos.

Os ditos “novos” conhecimentos na geografia continuam reproduzindo a separação entre o sujeito e o objeto do conhecimento; entre o método e conteúdo; entre a ciência e a ideologia, etc. (porém, isso se verifica igualmente em outras ciências humanas).

Assim, a pergunta “O que é geografia?” continua sendo feita aos futuros geógrafos, mal iniciando o seu curso superior. Como fazer efetivamente uma geografia crítica se se separa o sujeito do objeto?. Porque Não colocar logo de saída para os principiantes, a questão do quem produz geografia, porque a produz e como a produz?.

O aflorar de questões como esta traz consigo a possibilidade de se fazer críticas ao positivismo por dentro. Em outras palavras, permitidos desmontar a lógica da identidade, mostrando o quanto não interessa a ordem política instituída a consideração do sujeito do conhecimento.

Curiosamente a ênfase no objeto do conhecimento acaba por tirar-lhe a sua razão de ser! Não só o sujeito foi instrumentalizado por uma razão “aséptica”, que apenas observa, mede, descreve, classifica, eliminando “a possibilidade objetiva de uma experiência específica da coisa” (ADORNO, T.W., 1975, p. 257) quanto o objeto acaba se transformado em uma coisa morta pois o seu movimento não é pelo conhecimento.

A mediação entre o objeto e o sujeito só é possível quando o pensar se debruça sobre as condições sociais e históricas em que se realiza qualquer trabalho científico. Tais condições acabarão por mostrar que também o objeto não é algo pronto, acabado totalmente determinado. Na verdade a indeterminação não é especificidade do sujeito: o objeto tem um movimento, relativamente independente do sujeito. Como não se separam, o pensar só dá conta de suas contradições que estabelecem entre si o que demonstra que não podem ser reduzidos um ou outro.

A indeterminação a que nos referimos tem carácter político. O positivismo, sob o pretexto da mais profunda objectividade científica, nega a política, ao nível do discurso. Mas na sua prática cotidiana, consubstancia a política dos vencedores incorrendo na ideologia do progresso, determina desde o momento histórico em que a capital fez da ciência a sua principal força productiva, por ter lhe conferido o poder de dominar a natureza e a sociedade.

Com algumas diferenças, constata-se que a dialética mecanicista, invocada como o elemento soteriológico capaz de solucionar a crise da geografia acaba determinando sujeito e objeto nos termos de um certo partido político a cuja vanguardia cabe a análise do movimento do real.

Aos demais (cabe) obediência às directrizes emanadas de seus intelectuais. Esta dialética que se para trabalho intelectual e trabalho manual acaba fazendo uma leitura positivista do real, via ciência.

Nesse sentido muita geografia dita crítica “peca” pelo fato de não admitir que o movimento sujeito-objeto apresenta indeterminações como resultado do jogo entre as forças políticas de cada sociedade, a cada momento e em cada espaço. Mas é só assim que a dialética hegelomarxista pode se reconstruir, pois é dessa maneira que ela destrói a lógica da identidade e se recoloca como contradição interna.

No que tange à geografia, destruir a lógica da não-contradição implica em buscar a especificidade de cada espaço como um resultado de lutas sociais, inclusive as lutas entre aqueles (os sujeitos) que produzem as suas teorias. Do contrário não se aprende o movimento sujeito-objeto e muito menos as suas indeterminações.

### **III. À PROCURA DE CAMINHOS**

Abrem-se caminhos para a compreensão e aceitação do outro a medida que a ciência deixe de se guiar pelo paradigma de uma verdade absoluta e eterna. Mas não é a mera mudança de paradigma que leva à superação do mesmo. Pensando na geografia, não se trata de propor a análise do processo social de produção do espaço geográfico como “tábua de salvação”, sob pena de citar que o movimento do modo de produção capitalista reproduz o mesmo através das diferenças.

Estão, onde buscar o Outro? Certamente ele não se encontra fora da reprodução do capital, o que significa que entre as “brechas” do dar margem à crítica de seu funcionamento e do movimento do real.

Sob o ponto de vista da epistemologia, é precisamente dessa maneira que a dialética recupera a sua essência de contradição interna (oude dialética negativa, nas palavras de Adorno).

Evidentemente, não basta à chamada geografia crítica aponderar-se dessa perspectiva de trabalho científico. Há que se transformar internamente, o que

exige correspondência entre por exemplo, o conteúdo que ela aborda e o método usado para abordá-lo. Assim temas caros a população em um país (este conceito espelha muito bem a geografia positivista) ou a apresentação de suas atividades econômicas, só têm mesmo razão de ser enquanto descrição de suas características e explicação de seu funcionamento aparente o que satisfaz plenamente a lógica da idealidade.

Em uma abordagem crítica, estas duas questões (e não mais problemas) somente serão tratadas na medida em que, por exemplo, se analisar o processo de produção de um dado espaço geográfico (atualmente sob a égide do movimento da reprodução do capital).

Por conseguinte o próprio conceito vai se fazendo, vai se propondo o que significa que se defina um trabalho entre este objeto e o sujeito que o investiga.

Mais do que porém o conteúdo ou o objeto forma-se algo “em construção” de tal forma que o sujeito também se modifica nessa busca de compreensão do real. Nesse sentido é possível ao sujeito “renunciar a colocar a dialética nas coisas” (MERLEAU-PONTY, M., 1967 p. 115). E portanto analisar o pensamento dialético enquanto algo situado na realidade, e não fora/acima dela. O método (nesta concepção) não se separa da ontologia.

No caso específico da geografia, tal análise impediria – pelo menos a nosso ver – a multiplicação de trabalhos cujo método aparentemente é dialético, mas sobre um conteúdo que continua empírico por excelência, nos moldes de um objeto determinado a priori (não ocuparemos aqui com a questão do empírico na geografia). Ou então daqueles trabalhos geográficos que deixam de lado o objeto e que acabam incorrendo no idealismo, isto é na abstração que os sujeitos fazem da realidade em que produzem. Nos dois casos ignora-se o movimento entre sujeito e objeto do conhecimento (e sua indeterminação).

Considerando que o real diz respeito ao espaço e ao tempo que, embora historicamente determinados, assumem indeterminações no seu movimento – as quais devem ser exploradas cientificamente e filosoficamente – entendemos que um caminho possível e altamente produtivo que persegue o sujeito e objeto em um trabalho (científico e político) de construção (do) social o que sentimos de razão...seguramente menos totalitária, menos única saída.

#### **IV. NEUTRALIDADE (CIENTÍFICA) E AÇÃO (POLÍTICA IMEDIATISTA).**

Mas o movimento do real não se interrompe e o nuclear e a forma é a desertificação, é o “apartheid”, é a guerrilha etc. Não seria o caso de a geografia “agir” mais, e abandonar estas academias discussões teórico-metodológicas?

Acreditamos que a prática de uma geografia do imperialismo foi o resultado de um “agir” mais isto é de uma ação que não parou para questionar os seus pressupostos, conseguindo até fazer belas e precisas monografias de áreas que passavam a interessar ao capital, não obstante a sua elaboração no interior das academias.

Uma questão de fundo aí se coloca a ausência por parte do pesquisador, de uma reflexão do pensamento sobre o conhecimento produzido, isto é do sujeito em compreender que não há um abismo entre a teoria e a prática.

Pelo contrário: o desconhecimento da singularidade de cada uma e ao mesmo tempo, das relações entre ambas. (de complementariedade de confronto), conduziu à realização de trabalhos cuja natureza científica mesma foi o melhor indicador para sua utilização política, não por acaso sempre a serviço da dominação.

Trata-se por conseguinte, de ir além da estreiteza de uma divisão interna que lhe é própria mas que escapa à apressensão de seus pesquisadores (geógrafos ou não) que são antes de mais nada objetos (atualmente de um Estado nuclear-armamentista) e não sujeitos do seu labor.

A geografia crítica se abre, então o difícil trabalho de conseguir, igualmente alidar a sua prática a uma teoria cujo elemento fundante possa explicar / analisar esta sociedade, tendo em vista denegá-la.

Nesse sentido, parece-nos de decisiva importância o aparecimento, ainda praticamente isolado do conjunto, de trabalhos em seu interior que ao contemplarem o político o fundante, conseguem ultrapassar os limites de uma análise baseada no econômico (sem negar o seu significado particular), pois que este não tem condições de “levar a compreender o que se encontra posto em jogo com a formação do Estado moderno” (LEFORT, C., 1979, p. 300).

Mais do que garantir a possibilidade de interpretações mais amplas da história, do real o fundante político destrói o imediatismo das ações por desmonta, por dentro, a lógica da identidade que as sustenta (a repetição do mesmo) na e pela práxis humana.

## **BIBLIOGRAFIA**

ADORNO, T. W. Introdução a controversia sobre o positivismo na sociologia alemã. In BENJAMIN, W. Et. Alii, Textos Escolhidos. São Paulo, 1975, abril Cultural, Coleção Os Pensadores, p. 215-263.

CHAUI M. Cultura e Democracia O discurso competente e outras falas São Paulo 1982.

FAUSTO R. Marx lógica & política São Paulo 1983

FOUCAULT M. As palavras e as coisas - uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo 1981 Livraria Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro 1982. Ed Graal.

GEORGE, P Problemas doutrina e método In a geografia ativa São Paulo 1968 difusão Europeia do livro p. 9-40

HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro. 1982 Ed. Zahar

\_\_\_\_\_. Teoria Analítica da ciência e dialética Contribuição a polémica entre Popper e Adorno. In BENJAMIN, W. et alii, Textos escolhidos. São Paulo, 1975 Abril Cultural Coleção Os pensadores, p 303-333

\_\_\_\_\_. Técnica e ciência e ciência em quanto "ideologia". Para os 70 anos de H. Marcuse, no dia 19-VII- 1968. IN BENJAMIN, W. Et. Alii. Textos Escolhidos, São Paulo, 1975, Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, p. 303-333.

HOBBS E. A era do capital (1848-1875) Rio de Janeiro 1982 Ed. Paz e Terra.

HORKHEIMER, M. Eclipse da Razão. Rio de Janeiro, 1976. Ed. Labor de São Paulo.

\_\_\_\_\_. Teoria tradicional e Teoria Crítica in BENJAMIN W. et alii, textos escolhidos...p 125-162.

\_\_\_\_\_. Filosofia e Teoria Crítica. In BENJAMIN, W. Et. Alii. Textos Escolhidos ... p. 163-169.

HORKHEIMER, M e ADORNO T.W. Dialética del iluminismo. Buenos Aires 1970 Ed. SUR A

KONINCK R. de Contra del idealismo en geografía in MENDOZA J. G. et alii el pensamiento geográfico. Madrid 1982 Alianza p. 505-520

LACOSTE Y A. Geografia serve antes de mais nada, para fazer guerra Lisboa 1977 Iniciativas ed.

LEFORT C. As formas da história. São Paulo 1979. Ed. Brasiliense.

\_\_\_\_\_. A inovação democrática. Os limites do totalitarismo. São Paulo, 1983. ed. Brasiliense.

MERLEAU-PONTY, M. A capital da geopolítica. Um estudo geográfico sobre a implantação de Brasília. São Paulo, 1984, tese de doutoramento – F. F. L. C. H. Da Universidade de São Paulo (no prelo).

VLACH, V. R. F. Do positivismo à reificação do social: algumas reflexões. In: Anais do 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos. São Paulo, 1984, A. G. B., livro 2, volume 2, p. 433-443.